Poemas de Ricardo Reis

Ricardo Reis (heterônimo de Fernando Pessoa)

Fonte: http://www.cfh.ufsc.br/~magno/

Poemas:

- · A Abelha que voando
- A Cada Qual
- · Acima da Verdade
- A Flor que És
- Aguardo
- · Aqui, dizeis, na cova a que me abeiro
- Aqui, Neera, longe
- · Aqui, neste misérrimo desterro
- Ao Longe
- Aos Deuses
- Antes de Nós
- Anjos ou Deuses
- A Palidez do Dia
- Atrás Não Torna
- A Nada Imploram
- As Rosas
- Azuis os Montes
- Bocas Roxas
- · Breve o Dia
- Cada Coisa
- · Cada dia sem gozo não foi teu
- Cada Um
- · Como
- · Coroai-me
- Cuidas, Índio
- Da Lâmpada
- Da Nossa Semelhança
- De Apolo
- De Novo Traz
- Deixemos, Lídia
- Dia Após Dia
- Do que Quero
- Domina ou Cala
- Estás só. Ninguém o sabe.
- Este Seu Escasso Campo
- É tão Suave
- Feliz Aquele
- Felizes
- Flores
- Frutos
- Gozo Sonhado
- Inglória
- Já Sobre a Fronte

- · Lenta, Descansa
- Lídia
- Melhor Destino
- Mestre
- Meu Gesto
- Nada Fica
- · Não a Ti, Cristo, odeio ou te não quero
- Não a Ti, Cristo, odeio ou menosprezo
- Não Canto
- Não Consentem
- Não Queiras
- Não quero as oferendas
- · Não quero, Cloe, teu amor, que oprime
- · Não quero recordar nem conhecer-me
- Não Só Vinho
- Não só quem nos odeia ou nos inveja
- Não sei de quem recordo meu passado
- Não sei se é amor que tens, ou amor que finges
- Não Tenhas
- Nem da Erva
- Negue-me tudo a sorte, menos vê-la
- · Ninguém a outro ama, senão que ama
- · Ninguém, na vasta selva virgem
- No Breve Número
- No Ciclo Eterno
- No Magno Dia

A Abelha que voando

A abelha que, voando, freme sobre

A colorida flor, e pousa, quase

Sem diferença dela

À vista que não olha,

Não mudou desde Cecrops.

Só quem vive

Uma vida com ser que se conhece

Envelhece, distinto

Da espécie de que vive.

Ela é a mesma que outra que não ela.

Só nós — ó tempo, ó alma, ó vida, ó morte! —

Mortalmente compramos

Ter mais vida que a vida.

A Cada Qual

A cada qual, como a 'statura, é dada A justiça: uns faz altos O fado, outros felizes. Nada é prêmio: sucede o que acontece. Nada, Lídia, devemos Ao fado, senão tê-lo.

Acima da verdade

Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo.
Tudo é tudo, e mais alto estão os deuses,
Não pertence à ciência conhecê-los,
Mas adorar devemos
Seus vultos como às flores,
Porque visíveis à nossa alta vista,
São tão reais como reais as flores
E no seu calmo Olimpo São outra Natureza.

A flor que és

A flor que és, não a que dás, eu quero. Porque me negas o que te não peço. Tempo há para negares Depois de teres dado. Flor, sê-me flor! Se te colher avaro A mão da infausta esfinge, tu perere Sombra errarás absurda, Buscando o que não deste.

Aguardo

Aguardo, equânime, o que não conheço

- Meu futuro e o de tudo.

No fim tudo será silêncio, salvo

Onde o mar banhar nada.

Aqui dizeis na cova a que me abeiro

Aqui, dizeis, na cova a que me abeiro, Não 'stá quem eu amei. Olhar nem riso Se escondem nesta leira. Ah, mas olhos e boca aqui se escondem! Mãos apertei, não alma, e aqui jazem. Homem, um corpo choro!

Aqui, Neera, longe

Aqui, Neera, longe

De homens e de cidades,

Por ninguém nos tolher

O passo, nem vedarem

A nossa vista as casas,

Podemos crer-nos livres.

Bem sei, é flava, que inda

Nos tolhe a vida o corpo,

E não temos a mão

Onde temos a alma;

Bem sei que mesmo aqui

Se nos gasta esta carne

Que os deuses concederam

Ao estado antes de Averno.

Mas aqui não nos prendem

Mais coisas do que a vida,

Mãos alheias não tomam

Do nosso braço, ou passos

Humanos se atravessam

Pelo nosso caminho.

Não nos sentimos presos

Senão com pensarmos nisso,

Por isso não pensemos

E deixemo-nos crer

Na inteira liberdade

Que é a ilusão que agora

Nos torna iguais dos deuses.

Aqui, neste misérrimo desterro

Aqui, neste misérrimo desterro
Onde nem desterrado estou, habito,
Fiel, sem que queira, àquele antigo erro
Pelo qual sou proscritoquerer ser igual a alguém
Feliz em suma — quanto a sorte deu A cada .
O erro de coração o único bem
De ele poder ser seu.

Ao Longe

Ao longe os montes têm neve ao sol,
Mas é suave já o frio calmo
Que alisa e agudece
Os dardos do sol alto.
Hoje, Neera, não nos escondamos,
Nada nos falta, porque nada somos.
Não esperamos nada E ternos frio ao sol.
Mas tal como é, gozemos o momento,
Solenes na alegria levemente,
E aguardando a morte
Como quem a conhece.

Aos Deuses

Aos deuses peço só que me concedam O nada lhes pedir. A dita é um jugo E o ser feliz oprime Porque é um certo estado. Não quieto nem inquieto meu ser calmo Quero erguer alto acima de onde os homens Têm prazer ou dores.

Antes de Nós

Antes de nós nos mesmos arvoredos Passou o vento, quando havia vento, E as folhas não falavam De outro modo do que hoje. Passamos e agitamo-nos debalde. Não fazemos mais ruído no que existe Do que as folhas das árvores Ou os passos do vento. Tentemos pois com abandono assíduo Entregar nosso esforço à Natureza E não querer mais vida Que a das árvores verdes. Inutilmente parecemos grandes. Salvo nós nada pelo mundo fora Nos saúda a grandeza Nem sem querer nos serve. Se aqui, à beira-mar, o meu indício Na areia o mar com ondas três o apaga, Que fará na alta praia Em que o mar é o Tempo?

Anjos ou Deuses

Anjos ou deuses, sempre nós tivemos,
A visão perturbada de que acima
De nos e compelindo-nos
Agem outras presenças.
Como acima dos gados que há nos campos
O nosso esforço, que eles não compreendem,
Os coage e obriga
E eles não nos percebem,
Nossa vontade e o nosso pensamento
São as mãos pelas quais outros nos guiam
Para onde eles querem E nós não desejamos.

A Palidez do Dia

A palidez do dia é levemente dourada.
O sol de inverno faz luzir como orvalho as curvas
Dos troncos de ramos Secos.
O frio leve treme.
Desterrado da pátria antiqüíssima da minha
Crença, consolado só por pensar nos deuses,
Aqueço-me trêmulo A outro sol do que este.
O sol que havia sobre o Parténon e a Acrópole
O que alumiava os passos lentos e graves
De Aristóteles falando.
Mas Epicuro melhor

Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre Tendo para os deuses uma atitude também de deus, Sereno e vendo a vida À distância a que está.

Atrás Não Torna

Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve Sua face, Saturno. Sua severa fronte reconhece Só o lugar do futuro. Não temos mais decerto que o instante Em que o pensamos certo. Não o pensemos, pois, mas o façamos Certo sem pensamento.

A Nada Imploram

A nada imploram tuas mãos já coisas, Nem convencem teus lábios já parados, No abafo subterrâneo Da úmida imposta terra. Só talvez o sorriso com que amavas Te embalsama remota, e nas memórias Te ergue qual eras, hoje Cortiço apodrecido. E o nome inútil que teu corpo morto Usou, vivo, na terra, como uma alma, Não lembra. A ode grava, Anônimo, um sorriso.

As Rosas

As Rosas amo dos jardins de Adônis, Essas volucres amo, Lídia, rosas, Que em o dia em que nascem, Em esse dia morrem. A luz para elas é eterna, porque Nascem nascido já o sol, e acabam Antes que Apolo deixe O seu curso visível. Assim façamos nossa vida um dia, Inscientes, Lídia, voluntariamente Que há noite antes e após O pouco que duramos.

Azuis os Montes

Azuis os montes que estão longe param.

De eles a mim o vário campo ao vento, à brisa,
Ou verde ou amarelo ou variegado,
Ondula incertamente.

Débil como uma haste de papoila
Me suporta o momento. Nada quero.
Que pesa o escrúpulo do pensamento
Na balança da vida?
Como os campos, e vário, e como eles,
Exterior a mim, me entrego, filho
Ignorado do Caos e da Noite
Às férias em que existo.

Bocas Roxas

Bocas roxas de vinho, Testas brancas sob rosas, Nus, brancos antebraços Deixados sobre a mesa;

Tal seja, Lídia, o quadro Em que fiquemos, mudos, Eternamente inscritos Na consciência dos deuses.

Antes isto que a vida Como os homens a vivem Cheia da negra poeira Que erguem das estradas.

Só os deuses socorrem Com seu exemplo aqueles Que nada mais pretendem Que ir no rio das coisas.

Breve o Dia

Breve o dia, breve o ano, breve tudo. Não tarda nada sermos. Isto, pensado, me de a mente absorve Todos mais pensamentos. O mesmo breve ser da mágoa pesa-me, Que, inda que mágoa, é vida.

Cada Coisa

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo. Não florescem no inverno os arvoredos, Nem pela primavera Têm branco frio os campos. À noite, que entra, não pertence, Lídia,

O mesmo ardor que o dia nos pedia. Com mais sossego amemos A nossa incerta vida. À lareira, cansados não da obra Mas porque a hora é a hora dos cansaços,

Não puxemos a voz Acima de um segredo, E casuais, interrompidas, sejam Nossas palavras de reminiscência (Não para mais nos serve A negra ida do Sol) — Pouco a pouco o passado recordemos E as histórias contadas no passado Agora duas vezes Histórias, que nos falem Das flores que na nossa infância ida

Com outra consciência nós colhíamos E sob uma outra espécie De olhar lançado ao mundo. E assim, Lídia, à lareira, como estando,

Deuses lares, ali na eternidade, Como quem compõe roupas O outrora compúnhamos

Nesse desassossego que o descanso Nos traz às vidas quando só pensamos Naquilo que já fomos, E há só noite lá fora.

Cada dia sem gozo não foi teu

Cada dia sem gozo não foi teu Foi só durares nele. Quanto vivas Sem que o gozes, não vives.

Não pesa que amas, bebas ou sorrias: Basta o reflexo do sol ido na água De um charco, se te é grato.

Feliz o a quem, por ter em coisas mínimas Seu prazer posto, nenhum dia nega A natural ventura!

Cada Um

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre, E deseja o destino que deseja; Nem cumpre o que deseja, Nem deseja o que cumpre.

Como as pedras na orla dos canteiros O Fado nos dispõe, e ali ficamos; Que a Sorte nos fez postos Onde houvemos de sê-lo.

Não tenhamos melhor conhecimento Do que nos coube que de que nos coube. Cumpramos o que somos. Nada mais nos é dado.

Como

Como se cada beijo
Fora de despedida,
Minha Cloe, beijemo-nos, amando.
Talvez que já nos toque
No ombro a mão, que chama
À barca que não vem senão vazia;
E que no mesmo feixe
Ata o que mútuos fomos
E a alheia soma universal da vida.

Coroai-me

Coroai-me de rosas, Coroai-me em verdade, De rosas — Rosas que se apagam Em fronte a apagar-se Tão cedo! Coroai-me de rosas E de folhas breves. E basta.

Cuidas, Índio

Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando Teus infecundos, trabalhosos dias Em feixes de hirta lenha, Sem ilusão a vida. A tua lenha é só peso que levas Para onde não tens fogo que te aqueça, Nem sofrem peso aos ombros As sombras que seremos. Para folgar não folgas; e, se leoas,
Antes legues o exemplo, que riquezas,
De como a vida basta Curta, nem também dura.
Pouco usamos do pouco que mal temos.
A obra cansa, o ouro não é nosso.
De nós a mesma fama Ri-se, que a não veremos
Quando, acabados pelas Parcas, formos,
Vultos solenes, de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal —
O barco escuro no soturno rio,
E os novos abraços da frieza stígia
E o regaço insaciável Da pátria de Plutão.

Da Lâmpada

Da lâmpada noturna
A chama estremece
E o quarto alto ondeia.
Os deuses concedem
Aos seus calmos crentes
Que nunca lhes trema
A chama da vida
Perturbando o aspecto
Do que está em roda,
Mas firme e esguiada
Como preciosa
E antiga pedra,
Guarde a sua calma
Beleza contínua.

Da Nossa Semelhança

Da nossa semelhança com os deuses Por nosso bem tiremos Julgarmo-nos deidades exiladas E possuindo a Vida Por uma autoridade primitiva E coeva de Jove.

Altivamente donos de nós-mesmos, Usemos a existência Como a vila que os deuses nos concedem Para, esquecer o estio.

Não de outra forma mais apoquentada Nos vale o esforço usarmos A existência indecisa e afluente Fatal do rio escuro. Como acima dos deuses o Destino É calmo e inexorável, Acima de nós-mesmos construamos Um fado voluntário Que quando nos oprima nós sejamos Esse que nos oprime, E quando entremos pela noite dentro Por nosso pé entremos.

De Apolo

De Apolo o carro rodou pra fora Da vista. A poeira que levantara Ficou enchendo de leve névoa o horizonte;

A flauta calma de Pã, descendo Seu tom agudo no ar pausado, Deu mais tristezas ao moribundo Dia suave.

Cálida e loura, núbil e triste, Tu, mondadeira dos prados quentes, Ficas ouvindo, com os teus passos Mais arrastados,

A flauta antiga do deus durando Com o ar que cresce pra vento leve, E sei que pensas na deusa clara Nada dos mares,

E que vão ondas lá muito adentro Do que o teu seio sente cansado Enquanto a flauta sorrindo chora Palidamente.

De Novo Traz

De novo traz as aparentes novas
Flores o verão novo, e novamente
Verdesce a cor antiga
Das folhas redivivas.
Não mais, não mais dele o infecundo abismo,
Que mudo sorve o que mal somos, torna
À clara luz superna A presença vivida.
Não mais; e a prole a que, pensando, dera
A vida da razão, em vão o chama,
Que as nove chaves fecham,
Da Estige irreversível.

O que foi como um deus entre os que cantam, O que do Olimpo as vozes, que chamavam, 'Scutando ouviu, e, ouvindo, Entendeu, hoje é nada.
Tecei embora as, que teceis, Grinaldas.
Quem coroais, não coroando a ele?
Votivas as deponde,
Fúnebres sem ter culto.
Fique, porém, livre da leiva e do Orco,
A fama; e tu, que Ulisses erigira,
Tu, em teus sete montes,
Orgulha-te materna,
Igual, desde ele às sete que contendem
Cidades por Homero, ou alcaica Lesbos,
Ou heptápila Tebas Ogígia mãe de Píndaro.

Deixemos, Lídia

Deixemos, Lídia, a ciência que não põe Mais flores do que Flora pelos campos, Nem dá de Apolo ao carro Outro curso que Apolo.

Contemplação estéril e longínqua Das coisas próximas, deixemos que ela Olhe até não ver nada Com seus cansados olhos. Vê como Ceres é a mesma sempre

E como os louros campos intumesce E os cala prás avenas Dos agrados de Pã. Vê como com seu jeito sempre antigo Aprendido no orige azul dos deuses,

As ninfas não sossegam Na sua dança eterna. E como as heniadríades constantes Murmuram pelos rumos das florestas E atrasam o deus Pã. Na atenção à sua flauta.

Não de outro modo mais divino ou menos Deve aprazer-nos conduzir a vida, Quer sob o ouro de Apolo Ou a prata de Diana. Quer troe Júpiter nos céus toldados.

Quer apedreje com as suas ondas Netuno as planas praias E os erguidos rochedos. Do mesmo modo a vida é sempre a mesma. Nós não vemos as Parcas acabarem-nos. Por isso as esqueçamos Como se não houvessem. Colhendo flores ou ouvindo as fontes A vida passa como se temêssemos. Não nos vale pensarmos No futuro sabido

Que aos nossos olhos tirará Apolo E nos porá longe de Ceres e onde Nenhum Pã cace à flauta Nenhuma branca ninfa. Só as horas serenas reservando Por nossas, companheiros na malícia De ir imitando os deuses Até sentir-lhe a calma.

Venha depois com as suas cãs caídas A velhice, que os deuses concederam Que esta hora por ser sua Não sofra de Saturno Mas seja o templo onde sejamos deuses Inda que apenas, Lídia, pra nós próprios Nem precisam de crentes Os que de si o foram.

Dia Após Dia

Dia após dia a mesma vida é a mesma. O que decorre, Lídia, No que nós somos como em que não somos Igualmente decorre.

Colhido, o fruto deperece; e cai Nunca sendo colhido. Igual é o fado, quer o procuremos, Quer o 'speremos.

Sorte Hoje, Destino sempre, e nesta ou nessa Forma alheio e invencível.

Do que Quero

Do que quero renego, se o querê-lo Me pesa na vontade. Nada que haja Vale que lhe concedamos Uma atenção que doa. Meu balde exponho à chuva, por ter água. Minha vontade, assim, ao mundo exponho, Recebo o que me é dado, E o que falta não quero.

O que me é dado quero Depois de dado, grato.

Nem quero mais que o dado Ou que o tido desejo.

Domina ou Cala

Domina ou cala.
Não te percas, dando
Aquilo que não tens.
Que vale o César que serias?
Goza Bastar-te o pouco que és.
Melhor te acolhe a vil choupana dada
Que o palácio devido.

Estás só. Ninguém o sabe.

Estás só.
Ninguém o sabe.
Cala e finge.
Mas finge sem fingimento.
Nada 'speres que em ti já não exista,
Cada um consigo é triste.
Tens sol se há sol, ramos se ramos buscas,
Sorte se a sorte é dada.

Este Seu Escasso Campo

Este, seu 'scasso campo ora lavrando,
Ora solene, olhando-o com a vista
De quem a um filho olha, goza incerto
A não-pensada vida.
Das fingidas fronteiras a mudança
O arado lhe não tolhe, nem o empece
Per que concílios se o destino rege
Dos povos pacientes.
Pouco mais no presente do futuro
Que as ervas que arrancou, seguro vive
A antiga vida que não torna, e fica,
Filhos, diversa e sua.

É tão Suave

É tão suave a fuga deste dia, Lídia, que não parece, que vivemos.
Sem dúvida que os deuses
Nos são gratos esta hora,
Em paga nobre desta fé que temos
Na exilada verdade dos seus corpos
Nos dão o alto prêmio
De nos deixarem ser
Convivas lúcidos da sua calma,
Herdeiros um momento do seu jeito
De viver toda a vida

Dentro dum só momento, Dum só momento, Lídia, em que afastados Das terrenas angústias recebemos Olímpicas delícias Dentro das nossas almas. E um só momento nos sentimos deuses Imortais pela calma que vestimos E a altiva indiferença Às coisas passageiras Como quem guarda a c'roa da vitória Estes fanados louros de um só dia Guardemos para termos, No futuro enrugado, Perene à nossa vista a certa prova De que um momento os deuses nos amaram E nos deram uma hora Não nossa, mas do Olimpo.

Feliz Aquele

Feliz aquele a quem a vida grata Concedeu que dos deuses se lembrasse E visse como eles Estas terrenas coisas onde mora Um reflexo mortal da imortal vida. Feliz, que quando a hora tributária Transpor seu átrio por que a Parca corte O fio fiado até ao fim, Gozar poderá o alto prêmio De errar no Averno grato abrigo Da convivência. Mas aquele que quer Cristo antepor Aos mais antigos Deuses que no Olimpo Seguiram a Saturno — O seu blasfemo ser abandonado Na fria expiação — até que os Deuses De quem se esqueceu deles se recordem — Erra, sombra inquieta, incertamente, Nem a viúva lhe põe na boca O óbolo a Caronte grato, E sobre o seu corpo insepulto Não deita terra o viandante.

Felizes

Felizes, cujos corpos sob as árvores Jazem na úmida terra, Que nunca mais sofrem o sol, ou sabem Das doenças da lua. Verta Eolo a caverna inteira sobre
O orbe esfarrapado,
Lance Netuno, em cheias mãos, ao alto
As ondas estoirando.
Tudo lhe é nada, e o próprio pegureiro
Que passa, finda a tarde,
Sob a árvore onde jaz quem foi a sombra
Imperfeita de um deus,
Não sabe que os seus passos vão cobrindo
O que podia ser,
Se a vida fosse sempre vida, a glória
De uma beleza eterna.

Flores

Flores que colho, ou deixo, Vosso destino é o mesmo.

Via que sigo, chegas Não sei aonde eu chego.

Nada somos que valha, Somo-lo mais que em vão.

Frutos

Frutos, dão-os as árvores que vivem, Não a iludida mente, que só se orna Das flores lívidas Do íntimo abismo. Quantos reinos nos seres e nas cousas Te não talhaste imaginário! Quantos, Com a charrua, Sonhos, cidades! Ah, não consegues contra o adverso muito

Criar mais que propósitos frustrados! Abdica e sê Rei de ti mesmo.

Gozo Sonhado

Gozo sonhado é gozo, ainda que em sonho. Nós o que nos supomos nos fazemos, Se com atenta mente Resistirmos em crer Não, pois, meu modo de pensar nas coisas, Nos seres e no fado me consumo. Para mim ê-lo. crio tanto Quanto para mim crio. Fora de mim, alheio ao em que penso, O Fado cumpre-se. Porém eu me cumpro Segundo o âmbito breve Do que de meu me é dado.

Inglória

Inglória é a vida, e inglório o conhecê-la. Quantos, se pensam, não se reconhecem Os que se conheceram! A cada hora se muda não só a hora Mas o que se crê nela, e a vida passa Entre viver e ser.

Já Sobre a Fronte

Já sobre a fronte vã se me acinzenta O cabelo do jovem que perdi. Meus olhos brilham menos. Já não tem jus a beijos minha boca. Se me ainda amas, por amor não ames: Traíras-me comigo.

Lenta, Descansa

Lenta, descansa a onda que a maré deixa.
Pesada cede. Tudo é sossegado.
Só o que é de homem se ouve.
Cresce a vinda da lua.
Nesta hora, Lídia ou Neera Ou Cloe,
Qualquer de vós me é estranha, que me inclino
Para o segredo dito Pelo silêncio incerto.
Tomo nas mãos, como caveira, ou chave
De supérfluo sepulcro, o meu destino,
E ignaro o aborreço Sem coração que o sinta.

Lídia

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde que quer que estejamos.
Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde quer que moremos, Tudo é alheio
Nem fala língua nossa.
Façamos de nós mesmos o retiro
Onde esconder-nos, tímidos do insulto
Do tumulto do mundo.
Que quer o amor mais que não ser dos outros?
Como um segredo dito nos mistérios,
Seja sacro por nosso.

Melhor Destino

Melhor destino que o de conhecer-se Não frui quem mente frui. Antes, sabendo, Ser nada, que ignorando: Nada dentro de nada. Se não houver em mim poder que vença As Parcas três e as moles do futuro, Já me dêem os deuses o poder de sabê-lo; E a beleza, incriável por meu sestro, Eu goze externa e dada, repetida Em meus passivos olhos, Lagos que a morte seca.

Mestre

Mestre, são plácidas Todas as horas Que nós perdemos, Se no perdê-las, Qual numa jarra, Nós pomos flores.

Não há tristezas Nem alegrias Na nossa vida. Assim saibamos, Sábios incautos, Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranqüilos, plácidos,
Lendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza ...
À beira-rio,
À beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O tempo passa, Não nos diz nada. Envelhecemos. Saibamos, quase Maliciosos, Sentir-nos ir. Não vale a pena Fazer um gesto. Não se resiste Ao deus atroz Que os próprios filhos Devora sempre.

Colhamos flores. Molhemos leves As nossas mãos Nos rios calmos, Para aprendermos Calma também.

Girassóis sempre Fitando o sol, Da vida iremos Tranqüilos,tendo Nem o remorso De ter vivido.

Meu Gesto

Meu gesto que destrói A mole das formigas, Tomá-lo-ão elas por de um ser divino;

Mas eu não sou divino para mim. Assim talvez os deuses Para si o não sejam,

E só de serem do que nós maiores Tirem o serem deuses para nós. Seja qual for o certo,

Mesmo para com esses Que cremos serem deuses, não sejamos Inteiros numa fé talvez sem causa.

Nada Fica

Nada fica de nada. Nada somos. Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos Da irrespirável treva que nos pese Da humilde terra imposta, Cadáveres adiados que procriam.

Leis feitas, estátuas vistas, odes findas — Tudo tem cova sua. Se nós, carnes A que um íntimo sol dá sangue, temos Poente, por que não elas? Somos contos contando contos, nada.

Não a Ti, Cristo, odeio ou te não quero

Não a Ti, Cristo, odeio ou te não quero. Em ti como nos outros creio deuses mais velhos. Só te tenho por não mais nem menos Do que eles, mas mais novo apenas.

Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço, Que te querem acima dos outros teus iguais deuses. Quero-te onde tu stás, nem mais alto Nem mais baixo que eles, tu apenas.

Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia Como tu, um a mais no Panteão e no culto, Nada mais, nem mais alto nem mais puro Porque para tudo havia deuses, menos tu.

Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros, E só sendo múltiplos como eles estaremos com a verdade e sós.

Não a Ti, Cristo, odeio ou menosprezo

Não a Ti, Cristo, odeio ou menosprezo Que aos outros deuses que te precederam Na memória dos homens. Nem mais nem menos és, mas outro deus.

No Panteão faltavas. Pois que vieste No Panteão o teu lugar ocupa, Mas cuida não procures Usurpar o que aos outros é devido.

Teu vulto triste e comovido sobre A 'steril dor da humanidade antiga Sim, nova pulcritude Trouxe ao antigo Panteão incerto.

Mas que os teus crentes te não ergam sobre outros, antigos deuses que dataram Por filhos de Saturno De mais perto da origem igual das coisas. E melhores memórias recolheram

Do primitivo caos e da Noite Onde os deuses não são Mais que as estrelas súbditas do Fado. Tu não és mais que um deus a mais no eterno Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo. Panteão que preside À nossa vida incerta. Nem maior nem menor que os novos deuses, Tua sombria forma dolorida Trouxe algo que faltava Ao número dos divos. Por isso reina a par de outros no Olimpo,

Ou pela triste terra se quiseres Vai enxugar o pranto Dos humanos que sofrem. Não venham, porém, 'stultos teus cultores Em teu nome vedar o eterno culto Das presenças maiores

Ou parceiras da tua. A esses, sim, do âmago eu odeio Do crente peito, e a esses eu não sigo, Supersticiosos leigos Na ciência dos deuses. Ah, aumentai, não combatendo nunca.

Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando Cada vez maior força P'lo número maior. Basta os males que o Fado as Parcas fez Por seu intuito natural fazerem. Nós homens nos façamos Unidos pelos deuses.

Não Canto

Não canto a noite porque no meu canto O sol que canto acabara em noite. Não ignoro o que esqueço. Canto por esquecê-lo.

Pudesse eu suspender, inda que em sonho, O Apolíneo curso, e conhecer-me, Inda que louco, gêmeo De uma hora imperecível!

Não Consentem

Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois refusemos, que nos alce
A irrespiráveis píncaros, Perenes sem ter flores.
Só de aceitar tenhamos a ciência,
E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,
Nem se engelha conosco O mesmo amor, duremos,
Como vidros, às luzes transparentes
E deixando escorrer a chuva triste,
Só mornos ao sol quente, E refletindo um pouco.

Não Queiras

Não queiras, Lídia, edificar no spaço Que figuras futuro, ou prometer-te Amanhã. Cumpre-te hoje, não 'sperando. Tu mesma és tua vida. Não te destines, que não és futura. Quem sabe se, entre a taça que esvazias, E ela de novo enchida, não te a sorte Interpõe o abismo?

Não Quero as oferendas

Não quero as oferendas Com que fingis, sinceros, Dar-me os dons que me dais. Dais-me o que perderei,

Chorando-o, duas vezes, Por vosso e meu, perdido. Antes mo prometais Sem mo dardes, que a perda

Será mais na esperança Que na recordação. Não terei mais desgosto Que o contínuo da vida,

Vendo que com os dias Tarda o que espera, e é nada.

Não Quero, Cloe, teu amor que oprime

Não quero, Cloe, teu amor, que oprime Porque me exige amor. Quero ser livre.

A esperança é um dever do sentimento.

Não Quero recordar nem conhecer-me

Não quero recordar nem conhecer-me. Somos demais se olhamos em quem somos. Ignorar que vivemos Cumpre bastante a vida.

Tanto quanto vivemos, vive a hora Em que vivemos, igualmente morta Quando passa conosco, Que passamos com ela. Se sabê-lo não serve de sabê-lo (Pois sem poder que vale conhecermos?) Melhor vida é a vida Que dura sem medir-se.

Não Só Vinho

Não só vinho, mas nele o olvido, deito
Na taça: serei ledo, porque a dita É ignara.
Quem, lembrando Ou prevendo, sorrira?
Dos brutos, não a vida, senão a alma,
Consigamos, pensando; recolhidos
No impalpável destino
Que não espera nem lembra.
Com mão mortal elevo à mortal boca
Em frágil taça o passageiro vinho,
Baços os olhos feitos Para deixar de ver.

Não só quem nos odeia ou nos inveja

Não só quem nos odeia ou nos inveja Nos limita e oprime; quem nos ama Não menos nos limita. Que os deuses me concedam que, despido

De afetos, tenha a fria liberdade Dos píncaros sem nada. Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada É livre; quem não tem, e não deseja, Homem, é igual aos deuses.

Não sei de quem recordo meu passado

Não sei de quem recordo meu passado Que outrem fui quando o fui, nem me conheço Como sentindo com minha alma aquela Alma que a sentir lembro. De dia a outro nos desamparamos. Nada de verdadeiro a nós nos une Somos quem somos, e quem fomos foi Coisa vista por dentro.

Não Sei se é Amor que Tens, ou amor que finges

Não sei se é amor que tens, ou amor que finges, O que me dás. Dás-mo. Tanto me basta. Já que o não sou por tempo, Seja eu jovem por erro. Pouco os deuses nos dão, e o pouco é falso. Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva É verdadeira. Aceito, Cerro olhos: é bastante. Que mais quero?

Não Tenhas

Não tenhas nada nas mãos Nem uma memória na alma, Que quando te puserem Nas mãos o óbolo último, Ao abrirem-te as mãos Nada te cairá. Oue trono te querem dar Que Átropos to não tire? Que louros que não fanem Nos arbítrios de Minos? Que horas que te não tornem Da estatura da sombra Que serás quando fores Na noite e ao fim da estrada. Colhe as flores mas larga-as, Das mãos mal as olhaste. Senta-te ao sol. Abdica E sê rei de ti próprio.

Nem da Erva

Nem da serva humilde se o Destino esquece. Saiba a lei o que vive. De sua natureza murcham rosas E prazeres se acabam. Quem nos conhece, amigo, tais quais fomos? Nem nós os conhecemos.

Negue-me tudo a sorte, menos vê-la

Negue-me tudo a sorte, menos vê-la, Que eu, estóico sem dureza, Na sentença gravada do Destino Quero gozar as letras.

Ninguém a outro Ama senão se ama

Ninguém a outro ama, senão que ama O que de si há nele, ou é suposto. Nada te pese que não te amem. Sentem-te Quem és, e és estrangeiro. Cura de ser quem és, amam-te ou nunca. Firme contigo, sofrerás avaro De penas.

Ninguém, na vasta selva virgem

Ninguém, na vasta selva virgem Do mundo inumerável, finalmente Vê o Deus que conhece. Só o que a brisa traz se ouve na brisa O que pensamos, seja amor ou deuses, Passa, porque passamos.

No Breve Número

No breve número de doze meses
O ano passa, e breves são os anos,
Poucos a vida dura.
Que são doze ou sessenta na floresta
Dos números, e quanto pouco falta
Para o fim do futuro!
Dois terços já, tão rápido, do curso
Que me é imposto correr descendo, passo.
Apresso, e breve acabo.
Dado em declive deixo, e invito apresso
O moribundo passo.

No Ciclo Eterno

No ciclo eterno das mudáveis coisas Novo inverno após novo outono volve À diferente terra Com a mesma maneira. Porém a mim nem me acha diferente Nem diferente deixa-me, fechado Na clausura maligna Da índole indecisa. Presa da pálida fatalidade De não mudar-me, me infiel renovo Aos propósitos mudos Morituros e infindos.

No Magno Dia

No magno dia até os sons são claros. Pelo repouso do amplo campo tardam. Múrmura, a brisa cala. Quisera, como os sons, viver das coisas Mas não ser delas, conseqüência alada Em que o real vai longe